

CAMINHOS DE REVITALIZAÇÃO: 2011-2015

O Projeto de Revitalização: *“A Vida da Juventude: Um caminho de Discipulado e Missão”*, assumido pela Pastoral da Juventude da América latina, prossegue seu caminho nos passos de Jesus, em resposta ao convite da Missão Continental (2007), na concretização do Reino de Deus, propondo-nos, neste ano de 2012, uma visita à cidade de Nazaré:

Vamos à Nazaré?

Comover e cuidar: a espiritualidade e a mística de Maria e de Jesus

Nas pegadas do Divino Mestre, desde que partimos de “Emaús” (2008) – um dos lugares da revelação de Jesus ressuscitado, que continua a caminhar entre os homens, solidarizando-se com sua realidade (Lc 24,13-35) – pretendemos chegar até Jerusalém: lugar do Mistério Pascal, onde a Vida triunfou sobre a Morte!

Nazaré da Família de Jesus: berço de valores humanos e espirituais

Comoção e cuidado!

Os relatos em torno da infância de Jesus (Mt 1 – 2; Lc 1 – 2) nos informam que a família de Nazaré era profundamente religiosa. Observantes fiéis das prescrições da Lei judaica, os pais de Jesus cumprem três ritos importantes, após o seu nascimento: a circuncisão – rito de integração dos novos membros na comunidade israelita no oitavo dia do nascimento, momento em que o Menino recebe o nome de “Jesus”, cuja etimologia quer dizer “Javé salva” (Lc 2,21); a consagração do primeiro filho a Deus, o qual devia ser resgatado por meio de um sacrifício e a purificação ritual da mulher, quarenta dias após o parto (Lc 2,22-24). De acordo com Lucas, a família de Nazaré pertence ao estrato pobre da população, pois, o rito de purificação da mãe exigia a oferta de um cordeiro ao sacerdote e, quem fosse pobre como Maria e José, podia oferecer duas rolas ou dois pombinhos (Lc 2,22-24; cf. Lv 12,6-8). Piedosos que eram, os pais de Jesus cumprem, em Jerusalém, tudo quanto era prescrito na Lei do Senhor, antes de voltarem para Nazaré, na Galileia (Lc 2,39).

Desde pequeno, portanto, Jesus cresce no seio dessa família temente a Deus. Importa, porém, compreender que a família, em Nazaré, não se reduz ao pequeno lar formado pelos pais com seus filhos. Estende-se a todo o clã familiar, agrupado sob uma autoridade patriarcal e constituído por todos os que, de alguma forma, têm vínculos por parentesco de sangue ou por matrimônio. Compartilhando a labuta de cada dia assim como os momentos festivos, estreitam-se os laços de caráter social ou religioso. Aí a pessoa encontra sua verdadeira identidade. A família é

uma bênção, da qual não se pode subtrair-se! É nesse ambiente familiar e religioso que Jesus cresce, fica forte, sábio e vai experimentando a presença amorosa de Deus como Pai que cuida e protege todos os seus filhos (Lc 2,40).

Quão importante é a família como lugar de aprendizagem de valores! Ainda que a maioria das famílias, hoje, não se enquadre no modelo familiar de marido, mulher, filhos e filhas e sejam cada vez mais diversos os tipos e as configurações familiares, a família é a nossa comunidade primeira. É no aconchego dos pais ou das pessoas significativas que assumem esta missão, que se torna possível o crescimento e a aprendizagem da convivência e do relacionamento com outras pessoas, do respeito ao diferente, da liberdade e da relação saudável com o mundo.

Jesus forma-se para a vida, provavelmente, brincando com outras crianças, colaborando com o seu trabalho no sustento da família, ajudando aos parentes e vizinhos nos tempos de colheitas e de vindima, frequentando com seus amigos as festas populares e religiosas de seu clã, participando das caravanas e peregrinações a Jerusalém. Em Nazaré não havia nenhum Templo, como na cidade santa de Jerusalém, em que os judeus prestavam culto a Deus e ofereciam sacrifícios. No entanto, em Nazaré como nas demais aldeias judaicas, as pessoas iam à Sinagoga onde rezavam e aprendiam a Torá – a Lei Sagrada que identificava o povo eleito e o distinguia dos povos pagãos – os gentios. Outro sinal vivo da identidade israelita ou judaica era o Sábado, dia de descanso absoluto: para as pessoas, para os animais, para a terra; dia de reunir-se com outros fiéis, em oração, na Sinagoga. Contudo, a religiosidade já brotava no próprio lar.

Podemos imaginar que, diariamente, como toda família judia, José, Maria e Jesus recitavam, com fé e comoção, pela manhã e à tarde, a oração que os unia sensivelmente ao seu Deus, o *Shemá Israel*: “Ouça, Israel! Javé nosso Deus é o único Javé. Portanto, ame a Javé seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma e com toda a sua força” (Dt 6,4-5). O amor total a Deus que penetra a consciência (*coração*), o ser (*alma*) e a ação (*força*) era a base da família e devia ser a base da sociedade. Por isso, devia ser inculcado nos filhos como objeto primeiro e contínuo de toda a educação (cf. Dt 6,6-9). Esse amor estava presente no coração da família de Jesus. Eis o *cuidado* desta família santa: modelo e exemplo para as nossas famílias!

Marcada pela *comoção* e pelo *cuidado*, está a cena do encontro com Jesus no Templo de Jerusalém (Lc 2,41-52). Nesta perícopie, foram recolhidas as primeiras palavras de Jesus mostrando que toda sua missão decorre de seu relacionamento filial com Deus Pai. E tal missão se concretiza na vida cotidiana em que Jesus vai aprendendo a viver a vida humana como qualquer outra pessoa. É o grande mistério da Encarnação fazendo-se presente, ainda que não totalmente claro aos seus pais (Lc 2,49-50). Todos os anos, os pais de Jesus peregrinavam até Jerusalém para

a festa da Páscoa, ou seja, a celebração que mantém viva a memória da libertação do povo de Israel da escravidão, outrora, no Egito (cf. Ex 12). Fato inédito acontece, quando Jesus completa doze anos – idade que, no Judaísmo, delimita o fim do período infantil e o começo de uma adolescência madura e responsável. A partir de então, o adolescente é considerado apto para observar a Lei de Moisés. Depois da festa da Páscoa, Jesus fica em Jerusalém, sem que seus pais o notassem. Após três dias de busca, Maria e José encontram Jesus no Templo, sentado no meio dos doutores, escutando e fazendo perguntas.

Jesus tem muito a nos dizer, a partir de sua relação com as autoridades do Templo: o (a) jovem é capaz de propor, de opinar, de fazer perguntas aos mais experientes, aos “doutores”. Daí o valor de participar na construção da família, da escola, da Igreja, da sociedade. Um mundo novo é possível com a decisiva participação da juventude! Jesus o faz, porém, não com revolta, mas com equilíbrio, liberdade e respeito. Age com sabedoria! E isso O torna credível! Lucas afirma: “todos os que ouviam o menino estavam maravilhados com a inteligência de suas respostas” (Lc 2,47).

Ao encontrar Jesus no Templo, seus pais ficam comovidos (Lc 2,48). É o cuidado terno da família, nem sempre entendido pelos filhos! Cheia de amor e ternura, Maria insiste nos seus direitos de mãe, certamente apoiada por José, e, com discrição e firmeza, reprova o comportamento do filho. Jesus responde, reivindicando certa ruptura dos “laços familiares” por causa de sua missão e deixa transparecer sua consciência filial em relação a Deus Pai. É próprio do (a) adolescente e, mais ainda, do (a) jovem, o questionamento, a afirmação de si, de sua identidade. No caso de Jesus, a autonomia que vai se revelando em atitudes advém de sua relação íntima e pessoal com Deus Pai, o seu *Abbá!* É a liberdade que vai brotando da relação de confiança em Deus, que permite a Jesus reconhecer que sua missão redentora provém do próprio mistério de Deus. Quando confiamos em alguém vamos estabelecendo relacionamentos cada vez mais livres e seguros, pois a confiança gera a liberdade.

É o que Jesus nos revela da consciência de ser “o Filho de Deus”, o Enviado. Mesmo assim, “Jesus desce com seus pais para Nazaré e permanece obediente a eles” (Lc 2,51). Se Jesus é capaz de obediência aos seus pais terrenos, mesmo sendo “o Filho Unigênito de Deus”, é porque Ele vive o processo de crescimento na liberdade que O levará à total entrega de sua vida, por amor, “tornando-se obediente até a morte e morte de Cruz!” (Fil 2,8; cf. Hb 5,8).

Amados e amadas Jovens, alimentados por profundos laços de família, prossigamos nossa jornada mística e espiritual, abrindo sempre mais nossos corações a Cristo, deixando-nos iluminar pelas luzes do Espírito e confiantes no amor e na ternura de Deus Pai!

Ir. Maria de Lourdes Augusta, PIDP.